

UMA VISÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO POR LICENCIADOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Chaysther de Andrade Lopes¹

Abstract: The aim of this research is to analyze how internship is seen by licentiate teachers of Physical Education. The research has a dialectic critical reference and was carried out with six teachers of Physical Education that exert teaching in elementary school, graduated in the same institution of higher education in the countryside of Goiás, being five of them female and the other one male. The semi-structured interview was used for data gathering. The analysis had qualitative character centering itself in a thematic analysis of content. After the interviews were held three categories were defined. The first one (the relevance of internship) evidenced the relevance of internship for teachers. The second (difficulties in the period of internship) was divided in three subcategories: lack of supervision, which was pointed out in the training of all the participants of the research; the short duration of internship and the separation between theory and practice in the period of internship. In the third category (teachers' suggestions about the internship), the teachers pointed the ways to overcome the difficulties they found, e.g., a larger duration for internship so that it could be truly supervised and better guided. According to the results, the teachers see internship as essential to teaching formation. Besides, the research pointed some difficulties regarding the organization and the theory-practice relationship in internship.

Keywords: internship; teaching formation; curriculum; physical education; theory-practice relationship.

Resumo: O objetivo desta pesquisa é analisar como o estágio é visto pelo professor licenciado de Educação Física. A pesquisa tem um referencial crítico-dialético e foi realizada com seis professores de Educação Física que exercem a docência na educação básica e se formaram em uma mesma instituição de ensino superior do interior de Goiás, sendo cinco do sexo feminino e um do sexo masculino. A entrevista semi-estruturada foi utilizada para a coleta dos dados. A análise teve caráter qualitativo centrando-se em uma análise temática de conteúdo. Após a realização das entrevistas, foram definidas três categorias. Na primeira (a relevância do estágio) é evidenciada a relevância do estágio para os professores. A segunda (dificuldades no estágio) dividiu-se em três subcategorias: falta de supervisão, que foi marcante no estágio de todos os participantes da pesquisa; a curta duração do estágio e o distanciamento entre teoria e prática no estágio. Na terceira categoria (sugestões dos professores acerca do estágio) os professores apontaram caminhos para superar as dificuldades que encontraram, como, por exemplo, uma maior duração para o estágio, para que fosse de fato supervisionado e mais bem conduzido. De acordo com os resultados, os professores vêem o estágio como essencial à formação docente. Além disso, a pesquisa apontou algumas dificuldades quanto à organização e à relação teoria-prática no estágio.

¹ Docente do curso de Educação Física/CAJ/UFG. Mestre em Educação.



Palavras-chave: estágio; formação docente; currículo; educação física; relação teoria-prática.

1. Introdução

Uma de minhas inquietações acerca da educação está no estágio supervisionado para a formação profissional em Educação Física, tendo em vista que já estou na docência há nove anos no ensino superior.

Atualmente, enquanto professor, tenho presenciado a atuação dos alunos estagiários na educação básica e percebido seus anseios e as dificuldades encontradas no estágio supervisionado.

Entretanto, a formação do educador no país constitui-se num dos mais sérios problemas a serem enfrentados pelos órgãos da educação. Nesta realidade, encontram-se os cursos de Educação Física que estão em um processo de evolução em virtude das várias transformações pelas quais estão passando, na tentativa de superação dos seus problemas, entre os quais se destaca a relação teoria e prática nos estágios supervisionados.

Para Pimenta e Lima (2004), o desenvolvimento profissional dos professores tem sido o objetivo de propostas educacionais que valorizam a formação docente, sendo necessário analisar a prática e a teoria para produzir novos conhecimentos para elas.

No período do estágio supervisionado é observada a insegurança do profissional que se está formando, bem como sua insatisfação pessoal com o curso e o mercado de trabalho. Muitas vezes esse profissional acha que os conhecimentos assimilados no decorrer do curso não se aplicam à realidade da prática docente.

Para Brito (1997), o estágio supervisionado representa para muitos o único momento de disparo da crise entre teoria e prática. Esse é o momento em que os alunos que não vivenciaram outro tipo de prática podem fazer uma aproximação real entre o que aprendem na universidade e o que vão ensinar nos diferentes campos de atuação. Analiso que a crise teoria e prática não se apresenta apenas no estágio, podendo ser também vivenciada nas demais disciplinas do currículo, dependendo das diferentes metodologias de ensino adotadas, mas com certeza é mais marcante no estágio curricular.

Conforme Kulcsar (2005), os estágios supervisionados tornam-se um elo de articulação com a própria realidade, ou seja, a relação trabalho-escola e teoria-prática.

Na colocação escola-trabalho, pode-se perceber a importância do Estágio Supervisionado como elemento capaz de desencadear a relação entre pólos de uma mesma realidade e preparar mais convenientemente o aluno estagiário para o mundo do trabalho, desde que escola e trabalho façam parte de uma mesma realidade social e historicamente determinada (KULCSAR, 2005, p.64).

Para a autora, a escola deve estar atenta ao mundo do trabalho, pois escola e trabalho devem fazer parte de uma mesma realidade social, tendo em vista que a sistematização do estágio está pautada em uma legislação que contempla o mundo do trabalho.

Logo após a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 1996, ficou sob a competência do Conselho Nacional de Educação (CNE) apontar as diretrizes curriculares nacionais para a formação de professores de educação básica, em nível superior, do curso de licenciatura, de graduação plena.

O CNE definiu no item II do artigo 1º da resolução n. 2/2002, que diz respeito aos cursos de formação de professores da educação básica, que serão: “400 (quatrocentas) horas de estágio curricular supervisionado a partir do início da segunda metade do curso” (BRASIL, 2002b, p.9).

De forma que o estágio supervisionado dos cursos de Educação Física deve atender ao previsto pelas resoluções CNE/CP n. 2, de 19 de fevereiro de 2002, e CNE n. 7, de 31 de maio



de 2004, que estabelecem o que foi citado anteriormente sobre o estágio supervisionado; segundo essas mesmas diretrizes, o “Estágio supervisionado constitui um processo de transição profissional que procura ligar duas lógicas (educação e trabalho) e que proporciona ao estudante a oportunidade de demonstrar conhecimentos e habilidades adquiridas e também treinar as competências que já detém sob supervisão de um profissional da área” (BRASIL, 2002b, p.9).

Assim, o estágio supervisionado configura-se como um período de suma relevância para a formação docente. Torna-se um requisito indispensável na formação de um licenciado em Educação Física, de modo que minha inquietação se resume no seguinte problema: de que forma o estágio é visto pelo professor licenciado em Educação Física?

A pesquisa parte do pressuposto de que os professores licenciados em Educação Física vêem o estágio como um momento oportuno para o aprendizado, compreendendo-o como relevante à formação docente, questionando, contudo, seu desenvolvimento prático pela instituição formadora.

Nesta pesquisa consideramos o estágio imprescindível à formação docente, pois este é concebido como uma situação – processo de ensino–aprendizagem –, e é o momento em que o aluno tem a oportunidade de verificar o acerto de sua formação docente, articulando teoria e prática. Entendemos ainda que esta pesquisa poderá fomentar uma reflexão e um debate acerca do estágio supervisionado na instituição formadora, bem como estimular os alunos a engajarem-se no estágio.

O objetivo deste trabalho consiste, portanto, em verificar como ocorre o estágio supervisionado em Educação Física na visão dos professores egressos, bem como colher sugestões para uma possível melhoria do estágio, visando contribuir para o seu aperfeiçoamento na instituição da pesquisa.

Dessa maneira, considera-se que este estudo pode fomentar uma melhor compreensão das contradições que permeiam a temática do estágio e apontar caminhos que fortaleçam o processo de formação profissional docente.

Assim, considerando que a formação docente pode apresentar diferentes perspectivas, é importante destacar que, nesta pesquisa, adotamos a concepção crítica de formação de professores e de estágio supervisionado. Utilizamos basicamente os trabalhos de Pimenta (1990, 2002, 2005), Pimenta e Lima (2004) e Piconez (2005), buscando desvelar questões e conceitos que envolvem a formação profissional dos docentes e o estágio supervisionado.

Na perspectiva crítica considera-se que a formação docente deve estar ligada com a transformação da sociedade, dando subsídios para que o professor assuma uma atitude reflexiva em relação ao ensino e à sociedade, valorizando o desenvolvimento pessoal-profissional dos professores numa perspectiva emancipatória. Vários são os autores que publicam nesta perspectiva de formação docente, como: Pimenta (1990, 2002, 2005), Pimenta e Lima (2004), Piconez (2005) e Nóvoa (1992a, 1992b). Nessa perspectiva, o estágio também é visto e concebido como uma reflexão da práxis, possibilitando aos alunos refletir e buscar respostas para suas inquietações em relação ao estágio (PIMENTA, LIMA, 2004).

Pimenta (1990) e Piconez (2005) têm demonstrado em suas pesquisas sobre a formação inicial que os cursos de formação, ao desenvolverem um currículo formal com conteúdos e atividades de estágios distanciados da realidade das escolas, numa perspectiva burocrática que na maioria das vezes não dá conta de captar as contradições inseridas na prática social de educar, pouquíssimo têm contribuído para fomentar uma nova identidade do profissional docente.

Pimenta (2005) relata que nos últimos anos tem desenvolvido o ensino de didática nos cursos de licenciatura e realizado pesquisas sobre formação inicial e continuada de professores, tendo como desafio o intuito de colaborar com a formação de professores. A mesma autora diz que tem despertado nos alunos uma atitude investigativa dentro da didática,

problematizando a realidade do ensino nas escolas, tentando, assim, a constituição da identidade de seus alunos como professores.

Para Pimenta (2005), “produzir a vida do professor implica valorizar, como conteúdos de sua formação, seu trabalho crítico-reflexivo sobre as práticas que realiza e sobre suas experiências compartilhadas” (p.29). Nesse sentido, entende que o adulto retém mais o que está ligado à sua experiência, em que a teoria tem sua contribuição fornecendo subsídios para essa leitura.

1. Caminho percorrido

Esta pesquisa caracteriza-se como sendo do tipo qualitativo. A pesquisa qualitativa objetiva compreender, interpretar os fenômenos, considerando o significado que os outros dão às suas práticas, impondo ao pesquisador uma abordagem hermenêutica (GONSALVEZ, 2001).

Quanto à fonte dos dados, a pesquisa caracteriza-se como sendo de campo “porque pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada” (GONSALVEZ, 2001, p.67) e também do tipo documental. A pesquisa documental “vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa” (GIL, 1999, p.66).

Os participantes da pesquisa foram seis professores egressos do curso de Educação Física da instituição da pesquisa, sendo cinco professoras e um professor.

A amostra da pesquisa caracteriza-se por acessibilidade ou por conveniência. Nessa amostragem, de acordo com Gil (1999), “o pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam de alguma forma, representar o universo” (p.104).

Os critérios para selecionar os participantes da pesquisa foram: ter-se formado na instituição da pesquisa e estar trabalhando na educação básica na cidade da pesquisa. A tabela apresentada a seguir aponta o número de licenciados em Educação Física formados na instituição da pesquisa nos respectivos anos, dividindo-os por sexo, apontando o número de licenciados que não são da cidade da instituição, bem como os licenciados que estão atuando na educação básica na cidade da pesquisa.

Conforme a hipótese de pesquisa levantada, optou-se por obter os dados pela técnica da entrevista, por adequar-se ao problema de pesquisa apresentado. Trata-se de um instrumento fundamental quando se tem em vista captar os significados que os sujeitos constroem sobre a realidade. Para Negrine (2004), a entrevista constitui-se em uma estratégia utilizada para obter informações frente a frente com o entrevistado, o que permite ao entrevistador o estabelecimento de um vínculo melhor com o indivíduo e maior profundidade nas perguntas previamente elaboradas como roteiro.

O local das entrevistas foi escolhido pelos entrevistados, sendo três em domicílio e três em salas da universidade reservadas para esse fim. Guerrero López (1991 citado por Negrine, 2004) afirma que, quanto ao uso da entrevista, se deve ter um respeito ao clima em que esta se deve desenvolver. Isto é, na hora de realizá-la, devemos estar com nosso entrevistado em um lugar tranquilo, sem interferências sonoras, para não causar problemas de gravação, quando usamos desse recurso.

Os documentos selecionados para a pesquisa documental foram o Projeto Político-Pedagógico do curso de Educação Física da Universidade Federal de Goiás (UFG) e o regulamento de estágio. O acesso a tais documentos (Projeto Político-Pedagógico, regulamento de estágio) foi realizado por meio eletrônico, ou seja, pelo *site* da instituição.

As etapas da coleta de dados foram realizadas da seguinte ordem:

- acesso aos documentos da pesquisa;
- autorização junto aos professores que fizeram parte da amostra;



- agendamento das entrevistas;
- entrevista com os professores que compuseram a amostra;
- transcrição das entrevistas.

Para o procedimento de análise de dados, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo na modalidade de análise temática, que de acordo com Bardin (1995) é fundamentada no tema, o qual pode ser representado graficamente pela palavra, frase e resumo. Para a autora, tema é a unidade de significação que se libera naturalmente de um texto analisado, segundo certos critérios relativos à teoria e que serve de guia à leitura.

2. Discussão dos resultados

O que foi exposto até o momento neste estudo, a revisão da literatura, o caminho percorrido no desenvolvimento da pesquisa, de maneira alguma tem como objetivo traçar ou elaborar uma proposta de estágio curricular em Educação Física. Mas tratar-se sim de contemplar a revisão da literatura desta pesquisa, analisar as entrevistas dos professores licenciados e procurar respostas para algumas das muitas inquietações acerca da temática em questão.

O roteiro utilizado nas entrevistas semi-estruturadas foi pautado em questões referentes ao estágio supervisionado, à formação docente, que definiram as categorias como os eixos temáticos da apresentação dos resultados obtidos.

2.1 A importância do estágio supervisionado

Ao relacionar o estágio com o futuro campo de trabalho, o discurso dos professores aproxima-se da visão de Pimenta (2002, 2005) e Piconez (2005), quando discutem a importância do estágio curricular. Para as autoras, o estágio é um momento em que o aluno estagiário verá um *flash* de sua possível atuação no futuro campo de trabalho. Pimenta (2002) coloca que o estágio propiciará ao estagiário uma “aproximação à realidade” que exercerá em seu trabalho. Na fala da professora 2, fica também notória a relação teoria-prática, quando ela diz que na prática as coisas são um pouco diferentes. Isso legitima a relevância do estágio na formação docente como um momento para certificar como acontece a relação teoria-prática.

O estágio supervisionado curricular é obrigatório nos cursos de formação para o exercício da profissão, caracterizando-se enquanto uma atividade articulada com a prática. Dessa maneira, ele deve ser organizado com base no Projeto Político-Pedagógico do curso, para atender a seus objetivos.

Entre outros objetivos, pode-se dizer que o estágio curricular supervisionado pretende oferecer ao futuro licenciado um conhecimento do real em situação de trabalho, isto é, diretamente em unidades escolares dos sistemas de ensino. É também um momento para se verificar e provar (em si e no outro) a realização das competências exigidas na prática profissional e exigível dos formandos, especialmente quanto à regência (BRASIL, 2002b, p.10).

Entretanto, isso só vai ser contemplado se o estágio for o eixo articulador de todas as disciplinas do curso e não apenas das disciplinas técnicas (práticas). Esse objetivo do estágio legitima sua importância na formação do professor. Nos depoimentos dos professores o estágio é de grande importância para a experiência profissional. Eles dizem que:

É no estágio na escola que podemos aprender a verdadeira prática de dar aulas para alunos através da observação do professor da turma [...] (P3).



Para o professor, o estágio teria que fomentar condições de colocá-lo em uma situação real de trabalho e o professor relata que ao observar o professor regente da turma, isso pode facilitar sua prática docente.

Nessa perspectiva, considera-se que a finalidade do estágio é, então, aproximar o aluno de uma realidade na qual ele atuará. Pimenta e Lima (2004) afirmam: “O estágio como campo de conhecimento e eixo curricular central nos cursos de formação de professores possibilita que sejam trabalhados aspectos indispensáveis à construção da identidade, dos saberes e das posturas específicas ao exercício profissional docente” (p.61).

As autoras consideram ainda que não se deve colocar o estágio como “pólo prático” do curso, mas como uma aproximação à prática, que será conseqüência à teoria estudada no curso e que por sua vez deve-se refletir sobre e a partir da realidade da escola pública.

Para as autoras, o estágio deixou de ser considerado uma mera disciplina do currículo, passando a incorporar conhecimentos da formação profissional, cabendo a ele desenvolver atividades que fomentem a análise e a reflexão do trabalho docente.

Concordamos plenamente com as autoras, porém compreende-se que o contato com a realidade profissional pelo estágio curricular só terá êxito se o aluno estagiário envolver-se de forma intencional, buscando extrair o melhor dessa intervenção na escola.

Assim sendo, o estágio é uma experiência da prática docente em que o estagiário encontrará oportunidades para significar a sua identidade profissional. Mediante essa perspectiva, um dos professores fala sobre a importância do estágio dizendo:

[...] Eu acho que ele [estágio] tem qualidade porque é uma oportunidade de se entrar em contato com o universo escolar, ele te dá uma visualização do universo de trabalho [...] (P5).

Partindo da importância atribuída pelos participantes da pesquisa, notou-se que os professores souberam colocar de forma clara o que vem a ser o estágio.

Percebeu-se que as contribuições destacadas pelos entrevistados apontam que o estágio é um momento único na vida do acadêmico, e que deve ser valorizado.

Mesmo com todas as dificuldades que os professores encontraram no estágio, os depoimentos mostram que o simples contato com a escola por meio do estágio já oportuniza aos professores sonhar com o futuro campo de trabalho.

Esses depoimentos ainda estão condizentes com aspecto levantado na revisão da literatura: o estágio curricular sendo um mecanismo de acerto ou não da profissão. Piconez (2005) afirma que o estágio é o momento de verificar o acerto da escolha profissional, já que é o momento em que a situação ensino-aprendizagem se realiza em toda sua plenitude, sendo considerado o “ponto-chave” da preparação de professores.

Percebemos a importância que é dada ao estágio curricular pelos professores participantes da pesquisa, em que eles têm o estágio como um momento de contato e aprendizado com o futuro campo de trabalho.

A seguir discorreremos sobre as dificuldades encontradas pelos professores egressos no período de estágio supervisionado.

2.2 Dificuldades no estágio supervisionado

A realização do estágio também foi marcada por dificuldades; todos os entrevistados relataram algumas em suas falas. Para a realização do estágio é necessário o comprometimento de todos envolvidos no processo, para que sejam minimizadas as dificuldades.



2.2.1 A curta duração do estágio

A curta duração destinada para o estágio é um dos pontos de grande crítica nesta pesquisa. Nos depoimentos dos professores licenciados aparece com muita ênfase a sugestão de que tenha um tempo maior para a prática dos conteúdos passados no curso, e é claro com o devido acompanhamento do professor responsável pelo estágio supervisionado, tendo em vista o suporte da avaliação de sua qualidade.

O estágio realizado como forma de cumprimento de horas, sem significado para o acadêmico, pode propiciar visões como as que foram relatadas. Pimenta (2002) enfatiza que: “se o curso tem por finalidade preparar o futuro profissional para praticar, é adequado que tenha a preocupação com a prática; portanto é necessário que o curso tome-a por preocupação sistemática no currículo do curso” (p.28).

A autora coloca que a formação docente não está ligada necessariamente com a prática dos conteúdos sobre a forma de estágio supervisionado, mas que essa prática seja pautada e refletida no currículo do curso.

A carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, é estabelecida conforme a resolução CNE/CP n. 2, de fevereiro de 2002, nos seguintes termos:

- I – 400 (quatrocentas) horas de prática como componente curricular, vivenciadas ao longo do curso;
- II – 400 (quatrocentas) horas de estágio curricular supervisionado a partir do início da segunda metade do curso (BRASIL, 2002a).

Com a resolução CNE/CES n. 7/2004, homologada em 5 de abril, seção 1 (p.18), o estágio profissional curricular fica assim redigido:

§ 2º O estágio profissional curricular representa um momento de formação em que o graduado deverá vivenciar e consolidar as competências exigidas para o exercício acadêmico-profissional em diferentes campos de intervenção, sob a supervisão de profissional habilitado e qualificado, a partir da segunda metade do curso.

Assim, as resoluções citadas mostram que a carga horária para o estágio não é curta; pelo contrário. São praticamente 800 horas de prática, envolvendo 400 horas de estágio curricular e as 400 horas de componente curricular que acabam por fragmentar o currículo, perpetuando a separação entre teoria e prática, mas os depoimentos a seguir revelam que o tempo concedido ao estágio era pequeno.

[...] Não temos tempo nem para avaliar a turma, pois não conhecemos os alunos ainda, devido o tempo que é muito curto, acaba que o professor da escola que faz esta avaliação (P4).

Aqui a queixa do professor é sobre o processo avaliativo, que em função do tempo acaba sobrando para o professor regente fazer essa avaliação. O aluno estagiário acaba não tendo a oportunidade de conhecer como é desenvolvido o processo avaliativo em seus vários aspectos.

A carga horária exigida atualmente conforme a resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE) é o cumprimento das **400 horas** de estágio, isso desde o ano de 2002. Essa carga horária tem sido um foco de grandes preocupações das instituições de ensino formadoras desses profissionais. Antes dessa resolução a carga horária exigida era de no mínimo **300 horas** (LDB, 1996). Os participantes de nossa pesquisa estão inseridos na lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e na resolução n. 2/2002, do CNE.



Diante dos depoimentos fica notória a falta de um tempo maior para o exercício do estágio supervisionado, que acaba atrapalhando ao aluno estagiário ter uma visão da realidade escolar e a propagada relação teoria-prática.

Para Pimenta e Lima (2004), o estágio supervisionado tem uma função de renovar nossa concepção a respeito da formação dos estagiários, bem como suas identidades, contribuições e papéis profissionais. Mas como o estagiário vai (res)significar o papel do estágio na sua formação, se não há tempo para isso? Aqui entra o comprometimento de todos envolvidos no processo do estágio, bem como o seguir a lei que regulamenta o estágio curricular.

A lei atual que regulamenta o estágio supervisionado estipula que ele seja efetivado a partir da segunda metade do curso de formação de professores e na forma de dedicação concentrada, para que se possa satisfazer o processo formativo da prática docente.

Concordamos com Pimenta e Lima (2004) quando afirmam que o estágio curricular supervisionado deve ser garantir o cumprimento nos Projetos Político-Pedagógicos dos cursos de licenciatura, dispondo de dias efetivos para a sua concretização, de forma que não se operacionalize nos dias concomitantes com outros componentes curriculares, como vem ocorrendo na universidade.

Na realidade, não serão apenas essas horas cumpridas do estágio supervisionado que contribuirão com a formação profissional do estagiário, pois compreendo que o estágio seja o momento de o acadêmico realmente elaborar e colocar em prática o que foi apreendido durante sua formação. No meu entender o estágio não se propõe somente à aproximação da realidade escolar e sim como trabalho.

Diante dos depoimentos dos professores licenciados em Educação Física, analisamos que essa dificuldade acerca das horas de estágio que não são cumpridas, estão amarradas à própria matriz curricular, que não contempla a carga horária estipulada pela lei; sendo assim, requer a necessidade de as instituições de ensino superior se atentarem para a carga horária do estágio curricular.

2.2.2 A falta de acompanhamento do supervisor

O processo de orientação no estágio pelo professor supervisor é um fator fundamental para a sua organização. Porém, existem barreiras que surgem nas instituições de ensino, tais como: número insuficiente de professores contratados para atendimento do curso, o envolvimento dos professores com pesquisa e extensão e jornada dupla ou até tripla de trabalho.

Nos depoimentos dos professores percebe-se o quanto eles ficaram frustrados por não terem um professor orientador do estágio acompanhando-os de perto. Assim eles se expressam:

[...] Eu acho que ela poderia realmente supervisionar para que o trabalho tivesse um rendimento real e não só fictício [...] (P5).

[...] E não tinha um acompanhamento do professor do estágio, éramos acompanhados só pelos planos de aulas e as professora olhava e corrigia, algumas vezes ela ficava na secretaria e não tinha uma devolutiva (P2).

Analiso que a dificuldade de acompanhamento presencial nos locais de estágio está ligada aos vários locais sem que ele pode ocorrer, bem como a sobrecarga do professor supervisor que não está por conta só para essa função, mas também para várias outras, como o ensino e a extensão.

Vejo que os momentos fora da escola de estágio são primordiais para orientação do aluno estagiário.

[...] o diálogo entre os professores e os estagiários sobre os problemas vividos na sala de aula podem tornar-se objeto principal de conhecimento e conteúdo próprio da prática educativa; assim sendo a relação dialógica contribui para a elaboração de novos conhecimentos (PICONEZ, 2005, p.29).

O parecer CNE/CP n. 9/2001 traz um item acerca do acompanhamento:

Tendo como objetivo, junto com a prática, como componente curricular a relação teoria e prática social tal expressam no art.1º, § 2º da LDB/96, bem como no art. 3º, XI e tal como expressa sob o conceito de prática no parecer CNE/CP 9/2001, o estágio curricular supervisionado é o momento de efetivar, sob a supervisão de um profissional experiente, um processo de ensino-aprendizagem que, tornar-se-á concreto e autônomo quando da profissionalização deste estagiário. (BRASIL, 2001, p.10).

Conforme o parecer, a orientação no estágio é fundamental para que o futuro professor possa intervir de forma segura não só no estágio, mas também no campo profissional. Essa orientação possibilitará ao estagiário avaliar sua prática docente e quem sabe sanar alguns problemas encontrados no estágio.

Sendo assim, há uma necessidade de delimitar as funções do professor orientador (supervisor), que deve estar pautada na reflexão com seus orientandos (estagiários) sobre as experiências que trazem e sistematizando um novo conhecimento que ressignifique suas práticas.

2.2.3 A relação teoria–prática

Os conhecimentos assimilados durante a formação docente constituem a base formativa dos futuros professores, tendo por intuito permitir que estes se apropriem de instrumentos teóricos e metodológicos para compreensão dos sistemas de ensino, da escola e das políticas educacionais.

O estágio possibilita aos futuros professores que ainda não estão no magistério aprender com aqueles que já possuem certa experiência na atividade docente.

Nos cursos de formação, a teoria é compreendida como o conjunto de idéias sobre a realidade, ou seja, à luz da prática, a teoria aparece, pois, como a sistematização da prática. Não havendo a prática ela se tornaria abstrata, sem relevância. Já a prática é pensada como execução do que se viu na teoria (CANDAU, LELIS, 1995).

A relação teoria–prática tem como objetivo subsidiar o processo de formação dos acadêmicos, pois é mediante os conteúdos concebidos durante sua formação que se inicia uma tomada de consciência da realidade na qual o estagiário deverá atuar e o estágio é que propicia essa relação teoria–prática no contexto escolar de forma que quando não ocorre o estágio se sente frustrado e não consegue estabelecer essa conexão.

Para Piconez (2005), o estágio seria o canal articulador que tem o poder de fazer a integração entre teoria e prática, entre os conteúdos da parte diversificada e do núcleo comum do curso de formação de professores e o conhecimento da realidade da sala de aula da escola pública.

Nos depoimentos dos professores ficou evidente a dissociação entre teoria e prática, resultando numa vivência pobre das práticas escolares. Torna-se necessário clarear que

estágio é teoria e prática, e não teoria *ou* prática. Observa-se a afirmação dos professores que apontam o estágio fragmentado:

[...] Porque os conteúdos são uns, vistos na faculdade e a prática na escola é muito diferente do que é visto na faculdade (P2).

A prática tem que estar amarrada na teoria e na maioria das vezes isso não acontece nas aulas, nas escolas, porque o professor não tenta colocar em prática o que aprendeu na faculdade [...] (P3).

Mediante os depoimentos, os professores em suas vivências no estágio têm teoria e prática como dois pólos separados, mas não opostos. Conforme Candau e Lelis (1995), essa é uma visão dicotômica associativa na relação teoria-prática, em que teoria e prática são dois pólos separados mas não opostos. No depoimento do Professor 3, fica claro que o aluno estagiário não coloca em prática o que aprendeu na faculdade; imagino que seja pelo medo de mudar o processo didático-pedagógico do professor regente, bem como por achar que sua intervenção na escola será muito pequena, no sentido de duração do estágio, e que não cabe a ele propor mudanças no processo pedagógico.

Para Pimenta (2002), quando os alunos fazem crítica de que os cursos são teóricos é preciso ver nas entrelinhas dessas denúncias que o curso não está preparando teórica e praticamente para o exercício profissional, porque não toma como referência do seu currículo teórico as necessidades que a escola-campo está colocando; não se trata aqui de responder “com mais prática” e “menos teoria”, pois o curso não está formando adequadamente, porque é fraco teórica e praticamente, isto é, o curso não assume a formação de um profissional para atuar na “prática social” (p.65).

Durante o processo de formação o aluno tem a oportunidade de experimentar algumas intervenções, sem ser no estágio, dentro de outras disciplinas do currículo que o leva ao contato com a escola e seus meios de ensino. Mas a sua história de vida profissional escolar enquanto docente inicia no estágio supervisionado.

2.3 As sugestões para o estágio

As sugestões dos professores ficaram centradas nas dificuldades encontradas (tempo maior para o estágio; que seja acompanhado pelo professor supervisor; e melhor organização do estágio).

Eu acho que o estágio deveria ser vivenciado com mais tempo [...] (P1).

O estágio deveria ter um tempo maior e supervisionado, e que o aluno pudesse passar por todas as instâncias de ensino, não apenas com uma dada seriação, mais que desse a chance de ter um contato com todos os níveis escolares (P2).

O estágio deveria ser desenvolvido em todas as estâncias do ensino, no ensino fundamental, educação infantil e ensino médio (P3).

Nos depoimentos dos professores fica claro que não propuseram sugestões de forma sistematizada, por exemplo, a fala do professor (P1); afinal, o que seria esse “mais tempo”? Analisa-se que no período de estágio os alunos estagiários não se interaram da legislação do estágio, bem como do projeto de estágio da instituição, ficando alheios ao que a legislação estabelece sobre a duração do estágio curricular.



Conforme Pimenta e Lima (2004), o estágio curricular é obrigatório, sendo indispensável nos cursos de formação de professores com o cumprimento da carga horária estabelecida. Então fica claro que a instituição formadora deverá cumprir as exigências da lei, cabendo ao aluno estagiário reivindicar o seu cumprimento.

Dessa forma, analisamos que o estágio desenvolvido com pouco tempo para a intervenção na escola poderá dificultar o processo de formação docente do futuro professor, tendo em vista que os autores colaboradores de nossa pesquisa evidenciam a importância do estágio curricular na formação de professores.

Ainda é necessário refletir sobre o papel do professor orientador do estágio. Para Alarcão (1996), o professor orientador deveria estar presente, acompanhando e orientando o estagiário durante todo o processo, bem como ter os encontros individuais e coletivos. Nos depoimentos são demonstradas as insatisfações dos alunos quanto a supervisão.

[...] Quando falava em estágio eu pensava que realmente seria supervisionado, o que nem sempre acontecia [...] Tinha vezes que tínhamos dificuldades e o professor não estava presente para auxiliar, então acaba que o estágio não era tão supervisionado assim (P5).

No depoimento Professor 5, supervisionar é estar presente no local de estágio, para auxiliar o estagiário. É claro que seria o ideal ter um professor orientador nos estágios sempre presente, mas isso não quer dizer que se o professor não estiver presente o estágio não está sendo supervisionado. O encontro com os estagiários serve para sanar dúvidas, debater sobre fatos do estágio, mas o acompanhamento do professor na escola também é primordial, pois tem dúvidas que surgirão no momento da intervenção na escola que precisam ser respondidas naquele momento.

A outra sugestão, que também não foi explicitada, mas exposta de forma generalizada, foi sobre a organização do estágio:

Eu me lembro que trabalhei apenas com o ensino fundamental noturno. A gente tinha algumas aulas no turno deles e algumas aulas à tarde também. Eu trabalhei só com uma única turma (P4).

É, o estágio deveria ser desenvolvido em todas as instâncias de ensino, no ensino fundamental, educação infantil e ensino médio (P3).

Baseados nos depoimentos anteriores, concordo com Pimenta e Lima (2004), que dizem que boa parte dos estagiários reclama da sobrecarga de disciplinas no ano de estágio. Nesse depoimento, um dos professores fala sobre o trabalho monográfico que atrapalha a dedicação ao estágio.

Mesmo com “propostas” não sistematizadas pelos professores, analisa-se a necessidade de mudanças no estágio curricular da instituição da pesquisa. Piconez (2005) ressalta a importância de inserir na prática de ensino, na forma de estágio supervisionado, pequenos projetos de investigação da realidade da formação de professores.

Segundo Piconez (2005), o professor:

[...] pode se ver aí não como um manipulador de instrumentos, executor de atividades das quais nem participa de sua elaboração, mas com o exercício da prática da reflexão sobre a prática vivida e concebida teoricamente, são abertas perspectivas de futuro, proporcionadas pela postura crítica, mais ampliada, que permitem perceber os problemas que permeiam as atividades e as fragilidades da prática (p.27).



Analiso que a inserção do estagiário no contexto escolar propicia momentos de reflexão que podem levá-lo a uma investigação ou projeto. Portanto, depende principalmente do professor supervisor do estágio o que se pretende fazer, ou seja, qual a proposta para realizar as ações previstas dentro do campo do estágio.

Considerações finais

Este trabalho apresenta de que forma um componente curricular, o estágio supervisionado, pode favorecer ao aluno a descoberta de processos de aprendizagem em diferentes campos de atuação profissional, inserido em situações reais que possam levar o aluno a refletir sobre a realidade escolar.

Na construção deste trabalho procuramos considerar questões apontadas nos depoimentos dos professores com a literatura, para que pudéssemos ter uma análise da realidade do estágio em Educação Física da instituição formadora. Fazendo uma reflexão de tudo que foi analisado e abordado, percebemos que a área do estágio curricular tem muito o que ser estudado ainda, principalmente em Educação Física.

A pesquisa permitiu uma compreensão melhor das nuances ligadas ao estágio supervisionado, bem como sua contribuição à formação docente, podendo dizer de forma afirmativa que o estágio curricular se constitui no eixo articulador da formação docente.

Parece-nos evidente a necessidade de uma política que redimensione o estágio supervisionado na instituição da pesquisa e que essa política esteja pautada no Projeto Político-Pedagógico para uma melhor formação docente.

Os resultados deste estudo apontam e evidenciam a fragilidade do estágio, pela sua sistematização, supervisão deficitária e o não-cumprimento da legislação que o regulamenta nas instituições de ensino. Essa constatação também é evidenciada em várias pesquisas que tratam do estágio supervisionado. Torna-se necessário uma organização curricular que minimize esses problemas e que acabe com o distanciamento existente entre a teoria e prática.

A pesquisa demonstrou a necessidade de uma aproximação maior dos conteúdos vivenciados e trabalhados no curso com a realidade escolar, pois uma das dificuldades apresentadas foi a relação teoria-prática.

Assim, as constatações registradas acerca do estágio supervisionado deixam claro que não é só cumprir as exigências burocráticas, pois elas não fazem com que o objetivo maior seja conquistado, ou seja, não desperta a reflexão, o debate e a análise para possíveis mudanças no ensino.

Referências Bibliográficas

ALARCÃO, I. Ser professor reflexivo. In: _____. (org). **Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão**. Porto: Porto Editora, 1996.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1995. 225p.

BRASIL. **Parecer CNE/CP 009/2001**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. 2001.



BRASIL. **Resolução CNE/CP N° 1/2002**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília, 2002a.

BRASIL. **Resoluções CNE/CP N° 2/2002**. Institui a duração e carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior. Brasília, 2002b.

BRITO, Marcelo. A formação dos profissionais de Educação Física: experiência do projeto movi-mente-UNB. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 10., Goiânia, 1997. **Anais...** Goiânia: CBCE, vol. 2, p.845-851, 1997.

CANDAU, Vera Maria; LELIS, Isabel Alice. A relação teoria-prática na formação do educador. In: CANDAU, Vera Maria (org). **Rumo a uma nova didática**. Petrópolis: Vozes, 1995. p.49-63.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnica de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 206p.

GONSALVEZ, Elisa Pereira. **Conversar sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas: Alínea, 2001.

KULCSAR, Rosa. O estágio supervisionado como atividade integradora. IN: PICONEZ, Stela C. B. (coord.). **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. 11. ed. Campinas: Papirus, 2005. p.63-74.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva (org.). **A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Sulina, 2004.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: Nóvoa, António (ed.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1992a.

_____. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António (org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992b. p.15-33.

PICONEZ, Stela C. B. (coord.). **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. 11. ed. São Paulo: Papirus, 2005.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: _____. (org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005. 246p. (Saberes da Docência).

_____.; GONÇALVES, Carlos Luiz. **Reverendo o ensino de 2º grau propondo a formação de professores**. São Paulo: Cortez, 1990.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004.